O analista e suas relações com a angústia*

Vera Lopes Besset

RESUMO

Neste trabalho propomos uma reflexão sobre as relações entre o analista e a angústia. Para tanto, tomamos como referência básica a conceituação de angústia desenvolvida por Lacan em seu seminário dedicado ao tema. Nele, esse afeto é definido como aquele que não engana e seu surgimento se atrela ao encontro com o desejo do Outro. Ao mesmo tempo, partimos da premissa da separação radical entre dois lugares ocupados na clínica: o de um sujeito desejante, de cujo desejo a angústia pode ser sinal, e o do analista, cujo desejo opera no sentido de fazer avançar o tratamento. Nossas conclusões indicam, em primeiro lugar, que o analista, ao ocupar o lugar de *a*, provoca a angústia do sujeito e, em segundo, que o analista deve estar obrigado à abstinência quanto a sua angústia, em seu fazer na clínica.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica; Desejo; Angústia.

Podemos resumir a proposta deste trabalho da seguinte forma: a pergunta que traz concerne às relações entre o *analista* e a *angústia* e a reflexão que propõe se insere em tema amplo e crucial para nós, o da *formação* do analista. Nesse sentido, retomamos a afirmação de Lacan, no texto em que busca, em 1953, definir os contornos da clínica analítica a partir de suas “variantes”: “Uma psicanálise, padrão ou não, é o tratamento que se espera de um psicanalista” (Lacan, 1966, p. 329). Assim, partimos do princípio de que há uma especificidade da formação do analista, sendo a mesma indissociável da particularidade de uma *experiência*. No que concerne à angústia, veremos, essa particularidade é incontornável.

Interessa-nos, aqui, interrogar o *lugar* e a *função* da angústia no tratamento. Nesse sentido, partimos do suposto que, nesse, observa-se uma separação radical, relação de exclusão, entre dois lugares: de um lado, o de um *sujeito* desejante, de cujo desejo a angústia pode ser sinal (Lacan, 1991, p. 427-428) e de outro, o do *analista*, cujo desejo opera no

• Texto recebido em abril de 2002 e aprovado para publicação em maio de 2002.

* Texto ligado à pesquisa em andamento, apoiada pelo CNPq e realizada no âmbito da Pós-graduação em Psicologia do IP/UFRJ, sobre “A angústia na clínica hoje”. Trabalho inserido no GT “Psicanálise e Psicopatologia”, da Anpepp, coordenado pela autora.

sentido de fazer avançar o tratamento. Observe-se que a discussão que propomos tem como referência básica a teorização da angústia desenvolvida no âmbito do **Seminário X**, “A angústia”, por Lacan (1962, p. 63). Nele, esse *afeto* é definido como aquele que *não engana* e seu surgimento se atrela ao encontro com o desejo do Outro.

Nesse contexto, partimos da *premissa* de que o tratamento analítico deve ser *asséptico* com relação à angústia do analista. Pois, se o analista *opera* a partir de seu desejo, como *a*, seu *ato* diferencia-se da *ação* motivada pela *angústia*, tal como o *acting-out* e a *passagem ao ato*. Para tanto, consideramos que o desejo do analista, distintamente do desejo de *um* sujeito, é “desejo de diferença absoluta” (Lacan, 1973, p. 248). Essa *diferença* absoluta é a que resume a distância entre o Ideal, que define o sujeito a partir das *identificações* que forjam seu *eu*, e seu *ser* de objeto, objeto do desejo do Outro, dimensão de *des-ser* por excelência, onde o sujeito se revela sem substância.

O APAZIGUAMENTO DA ANGÚSTIA

Em seu seminário sobre o tema, Lacan interpela os analistas sobre suas relações com a angústia, tanto a sua própria quanto a de seus pacientes. Ela não é o que parece preocupá-los, denuncia. Contrapondo-se a isso, sublinha o *lugar* da angústia na clínica. Convida os analistas a absterem-se de compreendê-la, essa angústia que ele afirma ser um *afeto* (Lacan, 1962-63, Lição de 21 de novembro de 1962).

Enfatiza, na ocasião, a importância da preservação da dimensão da angústia, contrapondo-se à concepção vinculada ao pensamento de Claude Lévi-Strauss. Concepção que critica, entendendo-a como uma tentativa de restabelecer a harmonia entre o homem e o cosmos (Lacan, 1962-63, Lição de 28 de novembro de 1962).

Mas, do que se trata nesse tipo de *apaziguamento* do qual fala Lacan? E por que esse tipo de proposta levaria o autor a reafirmar a importância da dimensão da angústia? D. Rabinovich, em “La angustia y el deseo del Otro”, nos fornece indicações precisas sobre esse ponto. Lembra-nos que a *evitação* da angústia, com a finalidade da adaptação do homem ao cosmos é justamente o ponto central da posição filosófica de Epicuro. Citamos a autora: “O epicurismo, enquanto tal, levava a uma forma particular de ascetismo, centrado na evitação da inquietação e da angústia, na busca de segurança para o ser humano” (Rabinovich, 1993, p. 68).

Se recortamos essa passagem, é pela instigação que nos vem da observação no contemporâneo, da tentativa de *apaziguamento* da angústia, que podemos reconhecer a tentativa de apaziguamento *epicurista* da qual nos fala Lacan. Sobretudo, com a utilização dos *medicamentos*, cada vez mais eficazes em *calar* a angústia, deixando muitas vezes em seu lugar a *depressão*. Mas, quando a angústia se cala, que lugar fica para o analista? De todo modo, para além do alívio necessário de angústias avassaladoras, seria necessário suprimir a angústia? (Besset, 2000). Mas, o que vem a ser, propriamente, a angústia?

ANGÚSTIA-SINAL

Esta é uma formulação freudiana que Lacan retoma, a concepção da angústia como *sinal* de um perigo (Freud, 1926/1987, p. 118), sinal que se produz ao nível do *eu*. Eu que esse autor conota como “i (a)”, imagem do *outro*, semelhante, *eu* que é função de *desconhecimento* (Lacan, 1991, p. 422). Esse sinal se produz quando um apelo é feito ao *sujeito*, sujeito entendido como *desejante*, e de lá não responde “i (a)” (Lacan, 1973, p. 132). Nessa imagem que lhe retorna do *eu*, “i (a)”, na qual o sujeito habitualmente se reconhece, não é possível apreender-se, pois o desejo aí só aparece como *falha*, falta.

Fundamental para a clínica, a concepção do *eu* como um outro traz a questão da relação original do sujeito à *imagem especular*, relação que se instaura sob a égide da *agressividade*. Nela, a dimensão temporal está implicada, pois tenho *pressa* de me ver *semelhante* a este outro. Se isso me falta, como *saber* onde estou? Entretanto, a função da *pressa* não é a *angústia*, o que se demonstra facilmente quando a *pressa* de concluir, instaurada pela incidência do *corte* na sessão analítica, precipita a *conclusão* sem necessariamente provocar angústia.

Para que a angústia se dê é preciso que haja uma relação no nível do *desejo*. É nessa perspectiva que Lacan aborda a função do *analista* em sua relação ao sujeito do desejo. Desejo referido a um *objeto* que traz a ameaça, denunciada pelo sinal da angústia, “e que determina o *Zurückgedrängt*, o *a recalcar*” (Lacan, 1991, p. 142). Objeto que não se encontra no campo das necessidades, pois se insere na *lógica* vigente no *aparelho* psíquico. Para enfatizar isso, Lacan lembra o sonho de morangos, da menina Anna Freud, proibida de comê-los em razão de uma dieta ocasional, como relata Freud em seu livro dos sonhos. Assim:

É somente em razão da sexualização desses objetos que a alucinação do sonho é possível – pois, vocês podem observar, a pequena Anna só alucina objetos interditados. ... É do ponto onde o sujeito deseja que a conotação de realidade é dada na alucinação. E se Freud opõe o princípio de realidade ao princípio do prazer, é justamente na medida onde a realidade é aí definida como dessexualizada. (Lacan, 1991, p. 142)

Mas, o desejo ao qual Lacan relaciona o surgimento da angústia no **Seminário X** é o desejo do *Outro*, único lugar a partir do qual o sujeito pode se apreender como *desejante*. Na angústia, esse desejo encontra-se em estado de total desconhecimento ou não-reconhecimento, pois não aparece sob a forma de *enigma*, ou seja, como algo a partir do qual o sujeito pode tentar responder à questão “O que ele quer de mim?”. A paralisia e a angústia diante disso que se formula como *desejo do Outro*, Lacan ilustra com a história do louva-deus: um homem, dotado de uma máscara, encontra-se diante de um louva-deus. A máscara, sobre a qual o homem nada sabe, pode levar o inseto a tomá-lo não somente como objeto sexual, mas de *gozo*, posto que o mesmo mata seu parceiro após o ato. (Lacan, 1962-63, Lição de 14 de novembro de 1962).

OS ANALISTAS E A ANGÚSTIA

Tanto no cotidiano quanto na análise, cada vez que se trata de um desejo do sujeito, há um leve surgimento da angústia. Angústia que é, para Lacan, relação de sustentação do desejo. Sendo assim, o autor propõe, efetuando uma reviravolta nos termos, o *desejo* como *remédio* para a angústia (Lacan, 1991). É nisso que se ancora sua diretiva aos analistas, de apoio no desejo. É bom que o analista tenha um desejo, adverte, para que não coloque em jogo sua angústia.

Se, como vimos, é do outro, seu *eu*, que o sujeito recebe o sinal de angústia, é fundamental que na clínica o analista se furte a comparecer nessa dimensão. É o que Lacan denomina *Versagung* do analista. Analista que convoca a *recusar* sua angústia ao sujeito, para que “deixe nu o lugar onde é chamado como outro para dar o sinal de angústia” (Lacan, 1991, p. 148). Dessa angústia, o analista deve fazer *abstinência*, na direção de um tratamento.

Nesse momento de sua teorização, o autor propõe que o analista ocupe o lugar do desejante *puro*, o que mais tarde explicitará como *desejo do analista*, em contraponto ao desejo de sujeito. Em referência a isso, num momento ainda mais tardio de seu ensino, Lacan indica aos analistas o lugar de *semblante* de objeto, objeto *causa*, causa de desejo, para que um tratamento chegue a seu termo. O que se desenha, assim, é uma *coincidência* entre o *lugar do analista* e o *lugar da angústia*, quando é questão do desejo do Outro. Essa “coincidência” esclarece uma afirmação de Lacan, logo no início do **Seminário X**, sobre a necessidade de o analista avaliar o quanto o sujeito pode *suportar* de angústia. Para o autor, isto é o que coloca os analistas à prova a todo momento.

Mas, se o lugar da angústia se confunde com o do analista, isso não nos autoriza a pensar que é da angústia *do* analista que se trata na clínica. Ao contrário, esse é um dado da estrutura da experiência analítica que determina e limita a *ação* do analista. Essa, é o que supomos, não se atrela à angústia, tal como a ação do *sujeito*, enlaçada a seu desejo.

A CERTEZA DA ANGÚSTIA

A experiência clínica demonstra que a verdadeira *substância* da angústia é *aquilo que não engana*, o *fora de dúvida*, embora se possa ligá-la à dúvida do obsessivo, à hesitação, a seu jogo que é chamado de *ambivalente*. Entretanto, a angústia não é a dúvida. É, mais propriamente, a causa da dúvida, causa no sentido da *causalidade*. A dúvida é feita para combater a angústia: é contra os *enganos* que se dedicam os esforços feitos pela dúvida, como nos ensina a clínica da neurose obsessiva, com aqueles que *sofrem de seus pensamentos* (Besset, 1999).

Na clínica da histeria, ao contrário, é pela ação, *acting out*, que se dá a evitação da dúvida, pois é da angústia que a *ação* retira toda sua *certeza*. Trata-se, mesmo, no agir, de operar uma “transferência de angústia” (Lacan, 1962-63).

O que se trata de evitar é o que na angústia se sustenta por uma apavorante *certeza*. Certeza da condição do *ser* de objeto, aquém de todo significante, objeto de gozo suposto de um Outro que a *construção* fantasmática faz existir como desejante. Certeza, igualmente, da redução ao *corpo*, ao destino mortal para o qual o significante não traz remédio, como assinalou Lacan, ao final de seu ensino.

Agir, no sentido de um *acting-out*, revela-se, assim, completamente distinto do que Lacan denominou o *ato analítico*. Esse é desprovido de movimento, embora oposto à *inibição*. Há nele uma ultrapassagem, ultrapassagem *simbólica*: uma modificação do sujeito (Lacan, 1967-68).

PARA CONCLUIR

No percurso de uma análise, o analista, a partir do lugar de *a*, fazendo-se de *semblante* de causa de desejo, lugar da angústia por excelência, leva o sujeito ao mais além de uma *travessia*, à responsabilização por seu *gozo*, não mais atribuído à demanda do Outro, nem identificado ao *gozo* desse suposto Outro. Para tal, é preciso, segundo Lacan, que o analista seja alguém que tenha podido, “fazer entrar seu desejo nesse *a* irreduzível, para oferecer à questão do conceito da angústia sua garantia real” (Lacan, 1962-63).

Isso nos parece coerente com a proposta de se conceber um *final de análise* em termos de uma mudança das relações do sujeito com sua *angústia*, correlata a uma mudança com respeito ao *gozo*. Nesse sentido, concordamos com um autor contemporâneo quando afirma que: “É em relação com a angústia que mais se nota a mudança no final da análise” (Forbes, 1999).

Assim, pode-se esperar que uma análise leve um sujeito à mudança em suas relações com sua angústia, de forma que possa, para *além* dela, mas de seu lugar, exercer sua *função* de analista. Função que deve possibilitar a um sujeito, ao final dessa experiência, aproximar-se de um *gaio* saber, alicerçado no *des-ser* ou *desubjetivação*. E, ao mesmo tempo, conservar a dimensão da angústia como *signal*, sinal de algo que lhe é *Umheimlich*, estranho.

Entretanto, a mudança das relações do sujeito com a angústia talvez precise, para ser melhor especificada, da referência ao *tempo*, pois que é a morte, outro nome da *castração*, como *certeza* ímpar, que provoca o tempo de concluir.

ABSTRACT

Considerations about the relation between analysts and anguish are proposed in this paper. For that purpose, Lacan's concept of anguish, developed in his Seminar X: anguish, on that subject, was taken as reference. In that seminar, anguish is defined as an affection which does not deceive, and whose emergence is connected with meeting the Other's desire. As a basic assumption, we also take the extreme separation between two clinical positions: the place for the desiring subject, whose desire anguish can be a sign of, and the analyst's place, whose desire operates to push the treatment forward. Firstly, our conclusion indicates that, while occupying object A's place, the analyst provokes the subject's anguish, and secondly, that the analyst is forced to give up his own anguish in his clinical task.

Keywords: Psychoanalytical clinic; Desire; Anguish.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, I. P.; Besset, V. L. Sobre a repetição e o novo como acontecimento imprevisto. **O encontro analítico: da sessão ao discurso. Caderno da XI Jornada Clínica da Escola Brasileira de Psicanálise** – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2000. p. 69-72.
- BESSET, V. L. Do horror ao ato – a sexualidade na etiologia da neurose obsessiva. **Latusa. Revista da Seção Rio da EBP**, n. 3, p. 71-83, 1999.
- BESSET, V. L. (2000). Ato e angústia na sessão analítica. **O encontro analítico: da sessão ao discurso. Caderno da XI Jornada Clínica da Escola Brasileira de Psicanálise** – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2000. p. 25-28.
- BESSET, V. L. Amor e dor: rima do gozo? **Opção Lacaniana**, n. 32, p. 65-68, 2001.
- BESSET, V. L. Quando o desejo é *remédio* para a angústia: considerações sobre a *formação* do analista. **Latusa. Revista da Seção Rio da EBP**, n. 6, p. 159-168, 2001.
- BESSET, V. L. Quem tem medo da angústia? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 4, n. 1, p. 11-18, 2001.
- FORBES, J. **Palavras e corpos**. Seminário. Lição de 14/4/99. Mimeografado, 1999.
- FREUD, S. **Inhibición, síntoma y angustia**. Trad. de J. L. Etcheverry. In: J. Strachey (Org.). **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu. v. XIX, 1987. p. 118. (Trabalho original publicado em 1926).
- LACAN, J. **L'angoisse, Séminaire X**. Mimeografado. 1962-63.
- LACAN, J. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, J. **L'acte psychanalytique, Séminaire XV**. Mimeografado. 1967-68.
- LACAN, J. **Le séminaire, Livre XI**. Paris: Seuil, 1973.
- LACAN, J. **Le séminaire, Livre VIII**. Paris: Seuil, 1991.
- RABINOVICH, D. **La angustia y el deseo del Outro**. Buenos Aires: Manantial. p. 68, 1993.